



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**QUEM REIVINDICA ALTERIDADE? ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE DUAS MULHERES IDOSAS NAS LITERATURAS
BRASILEIRA E MOÇAMBICANA.**

Fernanda Soares Wenceslau¹

Lídia Maria Nazaré Alves²

Leonardo Gomes de Souza³

Resumo: Numa sociedade onde o idoso é cada vez mais marginalizado ou então obrigado a se manter aparentemente jovem, propõe-se a comparação entre seu perfil e lugar em textos literários que, a despeito de toda a arte que lhes conferem autonomia, representam uma realidade. Voltou-se o olhar para um conto de Clarice Lispector, “Feliz aniversário” e outro de Mia Couto “Sangue da avó manchando a alcatifa”. Considera-se que um sistema de *genderização* esteja a serviço da exclusão do idoso.

Palavras-chave: idoso-lugar-perfil.

¹ Graduanda da Universidade do Estado de Minas Gerais; fernadasoressw@outlook.com

² Doutora em Literatura Comparada; Universidade do Estado de Minas Gerais; lidianazara@hotmail.com

³ Graduando da Universidade do Estado de Minas Gerais; leonardogomes.jhs@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

1. Introdução:

Antoine Compagnon (1999, p. 37) em seu livro “O demônio da teoria: literatura e senso comum” dissertando sobre a função da literatura afirma que esta, “confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”. Essa realidade, conduz a uma situação limite anunciada da seguinte maneira: “a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo” (COMPAGNON, 1999, p.37)

Esse fato nos embasa ao analisarmos o conto de Mia Couto “Sangue da Avó manchando a alcatifa” e o conto de Clarisse Lispector “Feliz Aniversário”. Tais autores antecedem a um movimento social em favor do idoso. Movimento este, que também é de ruptura com a postura pós-moderna, ou, na esteira de Zygmunt Bauman (2001), líquido moderna. Essa postura caracteriza-se pelo abandono físico e psicológico dos idosos.

Nesse contexto de abandono, o idoso é colocado à margem. Percebe-se um movimento de resistência das senhoras dos contos. Ambas desejam preservar suas memórias, não como simples saudosismo, mas de maneira dinâmica, como forma de transformar a situação presente.

2. Mia Couto e a resistência da memória

Com o passar dos anos, avançam-se os meios de comunicação e o tempo gasto com outras prioridades. Isso faz com que o lugar do idoso perca a sua identidade, construída através dos valores das sociedades tradicionais: sociedades que primam pelo enriquecimento do saber, contido nas experiências transmitidas de geração em geração.

Segundo Guite I. Zimerman (2000, p.24), o envelhecimento abarca crises identitárias, provocadas pela “falta de papel social”, que desmotiva o indivíduo na busca por sua autonomia – importante elemento que o confere a possibilidade de tomar decisões e promover objetivos e escolhas. Torna-se difícil associar a mesma independência que tinha, em uma fase, agora, vista como improdutiva.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O conto “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, do livro *Cronicando* (1999) de Mia Couto, narra o contraste entre guerras/conflitos, pobreza/luxo e o choque entre tradição e modernidade. Transformando o que deve se imaginar comumente discursos proverbiais, o autor rompe a expectativa relacionada ao desenvolvimento do texto quando, aos poucos o desconstrói, criando, assim, um novo sentido de abertura para o conto:

Siga-se o provérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri. (COUTO, 1991, p.29)

O enredo revela noções representativas das múltiplas identidades que formam a cultura moçambicana e a situação vivida em Maputo, condicionada às circunstâncias do deslocamento da personagem principal, a avó Carolina.

Mandaram vir para Maputo a avó Carolina. Razões de guerra. A velha mantinha magras sobrevivências lá, no interior, em terra mais frequentada por balas que por chuva. Além disso, a avó estava bastante cheia de idade. Carolina merecia as penas. (COUTO, 1999, p.29)

Vale observar, em um parênteses dos articulistas, que o nome Carolina não pertence à tradição africana, muito mais evidente, este nome é próprio do povo que colonizou aquelas terras, isto é, o povo português. Essa realidade há de ser questionada pois, como nos informa Ana Bénard da Costa (2004, p.344)

A atribuição de um nome próprio a uma pessoa é algo de fundamental. O nome confere uma identidade individual e simultaneamente familiar à pessoa e integra-a no grupo e na sociedade, posicionando-a em relação aos outros com quem interage.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Retornando a análise do conto percebe-se que, de fato, a avó teria sido obrigada a retirar-se do seu espaço devido à carência de cuidados. O caráter ilusório do capitalismo detinha o apoio de parte da população, que exaltava o processo de independência, enquanto Dona Carolina, representava o surgimento de uma nova classe, opositora das mudanças de valores. Quando o autor nomeia essa personagem, Carolina, como já dito, nome português, ele explicita essa resistência.

A protagonista, representação metafórica da tradição, de início, relaciona o luxo da casa da filha ao processo de independência, justificando a presença dos objetos: “alcatifas, mármore, carros, uísques”. (COUTO, 1999 p.29)

Mesmo tudo aquilo se configurando como ‘coisas externas’ ou incomuns à sua vivência na aldeia, tornam-se motivos de orgulho, haja vista seus ‘meninos’ estarem gozando de abundância ou de algum conforto material conquistado principalmente após a Independência de Moçambique. (DIAS, 2014. p.7)

No momento em que ela percebe a desvalorização e desdém relacionados aos costumes de sua cultura, passa a enxergar a realidade presente ali. Ela, que na aldeia tanto enaltecia os preceitos familiares (e pensava encontrá-los também na casa da filha), se vê em uma situação em que a contemporaneidade fez com que, não mais a memória e tradição conferissem e concedessem vivacidade às suas ideologias. Há uma quebra de valores Intergeracionais.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) atesta que a tradição é um dos elementos que foi diluído, liquefeito no interregno da modernidade sólida para a modernidade líquida. Esse processo ocorreu em vista do desenvolvimento econômico. Assim fala ele: “O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais” (BAUMAN, 2001, p. 10). Esse fato impactou altamente o cotidiano e as relações das pessoas, pois construiu uma nova ordem social “definida principalmente em termos econômicos” (idem, p.10).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Todo esse contexto retira da idosa o espaço que sempre teve no âmago familiar. Dona Carolina, no agora, representa a inutilidade. Percebe-se aqui, o desprezo frente aos antigos valores da anciã, sendo esta, diversas vezes menosprezada. Isso revela a tentativa de renegar a herança cultural do idoso como figura autêntica do saber e precursor das experiências e ensinamentos.

Sem se preocupar ou perceber tal fato, os familiares colocavam a avó para assistir televisão e, sem qualquer sentimento de culpa, geravam seu abandono. Ao ver os filhos e os netos assistindo ao vídeo, ela relembra quando se sentavam em volta das fogueiras – memória que nos faz perceber a identidade arraigada, haja visto que, antes, os ensinamentos dos mais velhos eram partilhados e atentamente absorvidos pelos jovens, ao contrário do que ocorre na presente cena, em que a televisão transmite as informações necessárias, retirando assim, o espaço e a importância de seus ensinamentos. Justifica-se então, a tentativa de silenciamento para com a idosa. “Quase lhe vinha um sentimento doce, a memória da fogueira arredondando os corações, mas agora os filhos e netos se fechavam numa roda assistindo vídeo.” (COUTO, 1999, p.30)

Baudrillard(2000, p. 294) atesta que

A sociedade se faz maternal para que melhor preserve uma ordem de coerção. Vemos por ai o imenso papel político que desempenham a difusão dos produtos e as técnicas publicitárias: asseguram propriamente a substituição das ideologias anteriores, morais e políticas

Na perspectiva desse autor, tendo como fundo de análise o conto, a avó diante da televisão representa um embate entre a tradição e modernidade. A avó resistindo a modernidade e os netos sendo formados por ela. Quando a avó se lembra das fogueiras, ela está se recordando dos espaços de formação tradicionais. Estes, foram substituídos pela TV - principal vinculadora das publicidades. As novas gerações, formadas pelos novos meios de comunicação, esquecem suas raízes e suas memórias, por fim, sua tradição.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Outra teórica que nos ajuda a perceber esse processo é Myriam Lins de Barros, no ponto em que diz “é no mundo do vivido que as identidades se constroem e se afirmam e é do passado que os velhos se nutrem” (BARROS, 2007, p.211). A família, na ótica da idosa, compõe a tradição como herança na construção dos valores da personalidade de cada um. Estes, eram transmitidos no núcleo familiar de entorno às fogueiras agora substituídas pela televisão.

No trecho seguinte, a avó, rejeitada por todos, expõe o desejo de retornar à sua casa. Os filhos, que julgam os trajes da idosa ultrapassados,

lhe ofereceram roupas bonitas, sapatos de muito tacão e até um par de óculos para corrigir as atenções da idosa senhora. Carolina cedeu à tentação. Bonitou-se. Pela primeira vez saiu a ver a cidade.” (COUTO, 1999, p.30)

A avó parece ceder aos encantos do mundo que tentam nela incorporar. Porém, vai às ruas e logo encontra “meninos farrapudos” (COUTO, 1999, p.31), situação que transmite à ela a lembrança de sua cidade tomada pela guerra. Então, retorna à casa da filha, se desfaz de toda a riqueza que a deram, e revive suas origens, sobretudo as capulanas. “Da mala de cartão retirou as consagradas capulanas, cobriu o cabelo com o lenço estampado.” (COUTO, 1999, p.31)

A citação acima confirma a resistência aos hábitos da modernidade e nos traz a noção de que, mesmo com todo o repúdio dos filhos, a avó não se desvincula em momento algum de sua identidade.

Sentou-se na sala, “inexistindo, entre os parêntesis dos parentes” (COUTO, 1999, p.31) – comprovação da solidão em que Dona Carolina se encontrava, tendo em vista a perda dos laços de família, antes cultivados de maneira recíproca (DIAS, 2014). A reportagem transmitida pela televisão era sobre a guerra e o desespero interior fez com que a avó atirasse a bengala contra a TV. Esse gesto da idosa se manifesta como um grito pedindo para que na nova fase – contemporaneidade – as culturas tradicionais tivessem lugar: A reação dos que estavam de entorno à cena revela que, nesse novo contexto, a resistência ao



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

mesmo pode ser surpreendente e até incompreendida: “Primeiro todos se estupefactaram. Os meninos até choraram, assustados.” (COUTO, 1999, 31)

Zygmunt Bauman constata tal situação ao afirmar que “poucas pessoas desejam ser libertadas” (2001, p. 23). Isso porque estamos em uma sociedade que “cumpre o que prometeu” (2001, p. 23) ou seja, garante todo o conforto que há muito ela vem atestando que a sociedade alcançaria.

Ao recolher os estilhaços e os colocar em um saco plástico, a avó corta-se. O sangue escorre e as gotas pingam no tapete. Dando relevo ao título, essa cena descreve a representação identitária da avó, refletindo a voz de todo o sofrimento contido no processo da guerra: abandono dos idosos - impostos a condições desumanas, sendo estes, maiores vítimas de superstições que os deixavam à mingua.

No outro dia, Dona Carolina regressa a Maputo sem demais notícias. Os familiares, logo recompostos, aumentavam ainda mais a riqueza e superficialmente recordavam-se da idosa – julgada como louca.

O sangue da avó permaneceu na alcatifa, simbolizando a tradição de uma população que clama pela valorização de sua cultura, apagada pela modernidade.

Clarice Lispector: a memória abandonada

Clarice Lispector, no conto “Feliz aniversário” do livro “Laços de família” (1960), narra os acontecimentos da festa de aniversário de uma senhora que completa oitenta e nove anos. Um ambiente de celebração, que, ao que se espera, reúne parentes próximos e distantes, em um contexto construído através dos valores, aparentemente importantes para tais pessoas.

A trama ocorre em todo o tempo na casa da filha, Zilda, “única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante”. (LISPECTOR, 1960, p.29)

O descaso com a idosa é gigante, vejamos essa cena:

para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara - lhe um pouco de água-de-colônia para



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa”(LISPECTOR, 1960, p.29)

Os primeiros convidados foram os de Olaria, representando a classe média alta, trajados para além da ocasião. A nora, demonstrando não depender desses parentes, veio (com os três filhos) para suprir a ausência do marido que “não queria ver os irmãos” (LISPECTOR,1960, p.29) justificando também, o não rompimento com a família.

Nesse trecho, a aniversariante encontra-se na cabeceira da mesa, “uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 1960, p.30). Percebe-se aqui, a imposição da figura matriarcal, que metaforicamente, ocupa o lugar de representação superior dentro do contexto familiar. No entanto, o cenário em análise não a coloca em tal patamar. A presença da idosa é indiferente e marcada, paradoxalmente, pelo abandono no que diz respeito à quantidade de pessoas que se dispõem ali para a festa da idosa (que deveria ser enaltecida) e a real importância que ela tem dentro do patrimônio familiar.

Entra em cena o filho mais velho, José, que agora era o responsável pelo discurso, uma vez que Jonga havia falecido (filho predileto) e Manoel, identificado como seu sócio, sempre comedido devido à presença de sua esposa (figura que apenas recrimina o marido durante todo o texto). Em seguida, a nora de Ipanema, acompanhada pelos dois netos e a babá,

O trecho que se segue, apresenta filhos e netos cantando, alguns em inglês, outros em português. Era a hora de partir o bolo, “e de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.” (LISPECTOR, 1960, p.31)

O neto, de sete anos, era“único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada.” (LISPECTOR, 1960, p.32). Notamos que este, já cultivava os valores referentes aos ensinamentos da avó, e,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sem entender a situação em pauta, encontra-se distante, físico e psicologicamente.

Nessa passagem, observamos reflexões no que diz respeito aos tempos de casada de D. Anita, nome mencionado apenas uma vez e pela vizinha – destaca-se aqui a desconsideração dos filhos para com a idosa, haja visto que uma pessoa não vinculada consanguineamente reproduz a subjetividade identitária tão significativa para cada pessoa. Ela relembra a admiração e respeito do esposo com relação a ela e, principalmente, o momento em que ele se fez presente. No entanto, se impressiona ao tentar entender a frieza dos filhos.

“Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?” (LISPECTOR, 1960, p.32) Nesse trecho, ela tenta compreender a aparente felicidade dos filhos, que não conseguem exaltar o valor representado em suas origens. “Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.” (LISPECTOR, 1960, p.32)

Indignada com a simulação dos laços afetivos da família, Dona Anita “incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.” (LISPECTOR, 1960, p.32) Preocupada com o que iriam pensar os outros convidados, Zilda justifica a atitude da mãe:

— Mamãe, que é isso! — disse baixo, angustiada. — A senhora nunca fez isso! — acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. (LISPECTOR, 1960, p.32)

A idosa pede um copo de vinho e a festa termina. Todos se desdobram em fingimentos, prometendo retornar no próximo ano para o aniversário da idosa. Esta, apenas questiona se lhe servirão o jantar durante a noite.

Esse conto descreve a passagem da relação familiar de um tom de proximidade e companheirismo para uma família individualizada. Zygmunt Bauman (2001, p. 47) atesta que o individualismo é uma realidade que “chegou para ficar”. Isso significa que a memória (que até então tinha caráter coletivo) sofre drásticas mudanças.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Uma das causas dessas mudanças, é a extrema alteração do contexto social provocada pelo processo de liquefação.

Os padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, [...] estão cada vez mais em falta (BAUMAN, 2001, p. 14).

Isso revela que as estruturas que formaram nossos pais, sujeitos “de uma identidade unificada e estável” (HALL, 2015, p. 9) não são as mesmas que nos formam, os valores de nossos ancestrais tem cada vez mais dificuldades de serem assumidos pelas novas gerações. A memória de nossos antepassados dificilmente encontra ouvidos para ser escutada. O texto de Clarice deixa isso muito claro.

Considerações finais

Paulo de Salles Oliveira (2013, p. 92) definindo a memória a partir de Bérigson afirma que

A memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas.

Essa descrição do que é memória vai de encontro ao que se percebeu nos dois contos analisados. Ambas as idosas fazem emergir suas memórias a partir do choque entre realidades. As idosas procuram levar às novas gerações os seus valores como sistemas consagrados e bem sucedidos. O que cria íntima relação entre os valores transmitidos e a memória das idosas.

Essa fala encontra apoio no que Ecléa Bosi (1994, p.55) fala, na esteira de Halbwachs, que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”

Nessa ótica, no mundo pós-moderno produtor de um sujeito “conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2015, p.11) as idosas desejam manter inalteradas suas memórias como



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sendo essas, possuidoras da chave de suas identidades, como maneira de projetar o seu “eu” sobre a realidade.

No contato entre Clarice Lispector e Mia Couto tem-se um clamor para que o idoso seja respeitado como sujeito de direito e detentor da memória social, do passado de um povo. Ambos denunciam o descaso próprio das sociedades, na esteira de Stuart Hall (2015), pós-modernas para com o idoso.

Esses autores constroem um enlace entre memória, identidade e comportamento social. Uma postura, como já ressaltado, própria da literatura.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

DE BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

COUTO, Mia. **Sangue da avó manchando a alcatifa**. In: Cronicando. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: contos**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Sabiá Limitada, 1960.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre, Artmed 2000.

COSTA, Ana Bénard da. **As crenças, os nomes e as terras: dinâmicas identitárias de famílias na periferia de Maputo**. Etnográfica, Vol. VIII (2), 2004, pp. 335-354. Disponível em:

<http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_08/N2/Vol_viii_N2_335-354.pdf> Acesso em: 15 de nov. de 2016.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Revista USP**. São Paulo, n. 98. p. 87-94. Junho/julho/ agosto 2013 Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/69273/71730>> Acesso em: 20 de nov. de 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento. Um olhar sobre a velhice em “Sangue da avó manchando a alcatifa” de Mia Couto. In: **Encontro Nacional de Literatura Infante-Juvenil, 2014, Campina Grande. Anais do V Encontro nacional do literatura Infante-Juvenil.** Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande. 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_16_17_45_idinscrito_892_9342df0289e81767a18b979ebff59af.pdf> Acesso em: 10 de Nov. de 2016.